

## Os “se” das línguas Semitas e o Evangelho Revisitado – o Bom Samaritano, o Bom Estalajadeiro ou o Bom Assaltante?

**Jean Lauand**

*Prof. Titular FEUSP*

jeanlaua@usp.br

### **Pensamento confundente – línguas semitas**

Distinguir e confundir, ensina o filósofo espanhol José Ortega y Gasset, são duas importantes funções do pensamento/ linguagem. Numa entrevista que fiz, em 1999, a um dos mais importantes filósofos de nosso tempo, o saudoso Julián Marías, ele assim expunha o conceito orteguiano de “pensamento confundente”:

Há uma dupla dimensão do pensamento. Há uma função, diríamos, *normal* do pensamento que é distinguir e determinar as diferentes formas de realidade. Por outro lado, se esta fosse a única função do pensamento, não haveria como lidar intelectualmente com realidades complexas, em suas conexões, nas quais interessa ver o que há de comum e, portanto, o tipo de relações que há entre realidades que, de resto, são muito diferentes. Isto é o que Ortega denominava ‘pensamento confundente’. Eu gosto do exemplo da palavra ‘bicho’, muito vaga, que se refere a milhões de animais, mas nos comportamos diante de um ‘bicho’ de uma maneira de certo modo homogênea: em muitas ocasiões as diferenças não contam: e não nos importa a espécie (haverá centenas de milhares de coleópteros, mas, para muitos efeitos, não interessa). O ‘pensamento confundente’ é muito importante e é um complemento para o pensamento que distingue<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup>. <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>

De fato, para certos efeitos, necessitamos da distinção; para outros, a distinção atrapalha: se pouso um “bicho” no meu ombro, tudo o que me interessa é expulsá-lo, pouco importa se se trata do coleóptero A, B ou C...

As diversas línguas têm relações diferentes com o confundente; algumas tendem mais à distinção; outras à “confusão”: não há nisso juízo de valor: o confundente pode ser uma riqueza. Em outros estudos, temos mostrado como, tipicamente, as línguas orientais tendem mais ao confundente: a designar por um único vocábulo realidades que, para nós, só podem ser expressas por diversas palavras.

Consideremos, por exemplo, a palavra árabe *Salam* (ou sua equivalente hebraica: *Shalom*), usualmente traduzidas por *Paz*. Ou melhor, se quisermos ser fiéis à semântica semítica, consideremos o radical tri-consonantal (radical que determina essencialmente o significado; as vogais só fazem a determinação periférica de sentido) S-L-M, ou em hebraico Sh- L-M.

Paz é somente um dos múltiplos significados confundidos em S-L-M.

S-L-M significa também, por exemplo, unidade, integridade física ou moral: quando eu quebro um giz, sofro um ferimento, estabeleço uma separação ou produzo uma peça com defeito estou rompendo a S-L-M. Daí que o nome SaLyM, tão freqüente entre os árabes, signifique “o íntegro”, o que não se corrompe... Naturalmente, ninguém no Ocidente entenderia se se dissesse de um giz quebrado que ele perdeu “sua paz”.

### **Pensamento confundente – exegese bíblica**

Ter em conta o caráter confundente das línguas semitas é importante para a exegese bíblica. Por exemplo, fora desse contexto confundente, é extremamente enigmática a formulação do apóstolo Paulo, que, escrevendo em grego (mas pensando com sua cabeça semita) diz que “Cristo é nossa paz...” (*Autos gar estin he eirene hemon...* Ef. 2, 14). E quando um ocidental examina a razão pela qual Paulo afirma que Cristo é “nossa paz”, aí a perplexidade torna-se total:

“Cristo é nossa paz porque Ele quebrou o muro e de dois fez um”.

Já para um semita é totalmente natural que Cristo seja nosso *Shalom* precisamente porque Ele restabeleceu a unidade, “quebrou o muro e de dois fez um” (Ef 2, 14). Aboliu a lei, fazendo, em Si mesmo, de dois, um homem novo: a paz (*Shalom*). E em Col 3, 15, Paulo dirá também, tautologicamente em semita: “é pela paz de Cristo que formais *um só* corpo” etc.

Confundindo os conceitos de paz, saúde (física ou espiritual) etc. é natural que a saudação mais comum no mundo árabe (para encontro ou despedida) seja precisamente *Salam!* S-L-M indica também aceitação (de boa ou má vontade), daí que a atitude religiosa de acolhimento da vontade de Deus seja *iSLaM*.

A mesma palavra S-L-M significa, além de paz, integridade territorial. Assim, de Salomão (SuLaiMan), Deus diz a seu pai Davi (um homem de guerras), em atenção ao nome de Salomão:

"Este teu filho será um homem de *shalom*, pois Salomão é o seu nome" (1 Crn 22,9).

E Deus, apesar da infidelidade do rei, mantém a "integridade", a "totalidade" do reino e diz:

"Não tirarei da mão de Salomão parte alguma do reino..." (I Reis 11,34).

Em outras palavras, tanto para o árabe quanto para o judeu, a integridade territorial e a paz são pensadas confundentemente como uma única realidade: se faltar um milímetro quadrado do que se considera ser seu território, não há "paz". Por contraste, imaginemos que o Rio Grande do Sul pretenda separar-se do Brasil e constituir uma "República Farroupilha". E que tal proposição seja referendada amplamente por um plebiscito, no qual os demais estados da União concordassem, de boa vontade, com essa separação. E imaginemos que, ao longo desse processo, não se troque nenhum tiro e, pelo contrário, o surgimento do novo país seja celebrado por ambos os lados e firmados acordos de fraternidade, livre comércio etc. Nesse caso, nenhum de nós diria que houve uma quebra de paz (pelo contrário, promover-se-iam até churrascos "binacionais" de confraternização...). Já para um árabe ou um israelense, para quem paz contém, "confunde" muito mais que "não-guerra", é inconcebível uma subtração de território que não fosse quebra de "paz". É o que diz um árabe que passou muitos anos no Brasil antes de retornar para o Líbano numa entrevista a *O Estado de S. Paulo* (20-10-93, A 11):

**"Paz** - Ouvindo o jorro de esperança, o comerciante 'batricio' Abdul Razak Masjzoub interrompe, nervoso: 'Tem obstáculo muito grande para a paz. (...) Paz que estão fazendo não justa: cadê Jerusalém? Cadê o sul do Líbano? Para dar certo, o paz tem que ser geral. Devolver tudo ocupado. Isto se chama paz.'"

### **Pensamento que distingue – os "se" semitas x nosso "se" singular**

Mas, neste artigo, não enfatizaremos o confundente semita; interessa-nos, sim, um caso excepcional, que vai no sentido contrário: um caso no qual as línguas semitas (centraremos nosso estudo no árabe, mas vale também para o hebraico e o aramaico, a língua falada por Jesus), distinguem, enquanto nossa língua confunde: trata-se da conjunção "se" e de como essa nossa "confusão" pode perturbar a compreensão das falas evangélicas.

É o caso da distinção semita em três níveis daquilo que, em nossa língua, se confunde na única conjunção "se"<sup>2</sup>. Para nós, a conjunção "se" é confundente e pode situar-se - quanto à possibilidade de realização - em três níveis distintos:

---

<sup>2</sup>. Para as formas árabe, hebraica e aramaica do "se" de impossibilidade (em árabe: *law*), veja-se "If introducing statement known or believed to be untrue" in De Lacy O'Leary *Comparative Grammar of Semitic Languages*, Routledge, 2000, p. 276. Para o se de certeza (em árabe *idha*, em hebraico *hen*), cf.:

- 1) Um primeiro nível é o “se” (em árabe *idha*) que expressa uma certeza (ou algo muito provável) de que algo vai se realizar: “Se chover em janeiro em São Paulo, haverá enchentes”, “Se o teu filho te der alguma preocupação, tem paciência”. É um “se” que poderíamos até substituir por “quando”: certamente choverá em janeiro e filho sempre dá alguma preocupação.
- 2) No extremo oposto, situa-se o “se” (em árabe: *law*) que expressa uma impossibilidade (ou quase): “Vai ver se eu estou na esquina”, “Se não houver políticos corruptos, o Brasil será o maior país do mundo”.
- 3) E, finalmente, o “se” mais normal, que expressa dúvida real: pode ser que sim, mas também pode ser que não. Como quando a grávida diz: “Não sabemos ainda se é menino ou menina”; ou o convidado no celular: “Não sei se vai dar para chegar a tempo: o trânsito está muito congestionado”.

Na 33ª. rodada do campeonato brasileiro de 2007, tivemos uma confluência dos três níveis do “se”. Para ser campeão, bastava ao São Paulo não perder para o lanterna América de Natal, em um Morumbi lotado com 60000 torcedores. A diferença dos saldos de gols entre os dois times era de 90!! Quando a imprensa noticiou: “Se o São Paulo não perder para o América, será campeão por antecipação”, esse “se” não era de dúvida, mas de certeza: ninguém apostaria um centavo no América (ainda que o técnico Muricy Ramalho insistisse em afetar humildade). Já o “se” de dúvida real, de possibilidade real, ficava por conta de: “Se o Corinthians for rebaixado...”, naquela ocasião uma mera possibilidade. E, finalmente, quem dissesse, naquela 33ª. rodada, “Se o Santos for campeão...” (o Santos ainda tinha uma infinitesimal “chance matemática”, envolvendo mil articulações...), estaria usando o “se-*law*”, que corresponde ao nosso “dar zebra”, fato impossível pois a “zebra” não está sequer na lista dos bichos do “jogo do bicho”: da impossibilidade metafísica, a expressão passou para a “impossibilidade” probabilística.

Certamente, por vezes, as flexões verbais do português permitem perceber que se trata do “se” irrealizável ou utópico, como nos versos de Ataulfo Alves em “Mulata Assanhada”:

Ai, mulata *se* eu pudesse,  
E *se* o meu dinheiro desse,  
Eu te dava sem pensar,  
Esta terra, este céu, este mar

Ai, meu Deus, que bom seria  
*Se* voltasse a escravidão  
Eu comprava esta mulata  
E levava pro meu barracão

---

Stec, D. M. “The Use of “hen” in Conditional Sentences”, *Vetus Testamentum*, Leiden, Brill, 1987, vol. 37, n 4, p.478-486. Segundo Stec, há mesmo estudiosos que consideram *hen* - no sentido especial de “se” – um aramaismo no hebraico bíblico.

Mas, em outros casos, não é tão claro! Lembro-me de que, na minha infância, tropeçávamos em toda parte (até afixado em caixas de padaria) com o poema, hoje esquecido, “Se”, de Rudyard Kipling, que, na tradução de Guilherme de Almeida<sup>3</sup>, era nos apresentado como um ideal moral concreto (exigente, mas não necessariamente impossível).

## Se

Se és capaz de manter a tua calma quando  
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;  
De crer em ti quando estão todos duvidando,  
E para esses no entanto achar uma desculpa;  
Se és capaz de esperar sem te desesperares,  
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,  
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,  
E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar - sem que a isso só te atires,  
De sonhar - sem fazer dos sonhos teus senhores.  
Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires  
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;  
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas  
Em armadilhas as verdades que disseste,  
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,  
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada  
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,  
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,  
Resignado, tornar ao ponto de partida;  
De forçar coração, nervos, músculos, tudo  
A dar seja o que for que neles ainda existe,  
E a persistir assim quando, exaustos, contudo  
Resta a vontade em ti que ainda ordena: "Persiste!";

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes  
E, entre reis, não perder a naturalidade,  
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,  
Se a todos podes ser de alguma utilidade,  
E se és capaz de dar, segundo por segundo,  
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,  
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo  
E o que mais -tu serás um homem, ó meu filho!

O carácter confundente de nosso “se” (oscilando entre a possibilidade, a dúvida, a impossibilidade e até a certeza...) permitiu a paródia desse poema por José Paulo Paes, em:

---

<sup>3</sup>. <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u91936.shtml> Acessado em 1-1-08.

“Kipling revisitado”<sup>4</sup>

se etc  
serás um teorema  
meu filho

Para três grandes campos, de situações tão diversas, dispomos de um único “se”. Mas imaginemos que tivéssemos três (ou mais...) palavras totalmente distintas, para os três distintos níveis de “se”: impossibilidade, certeza e possibilidade. Como ficaria a tradução de um texto de uma língua que dispusesse de mais de um “se”?

Analisaremos algumas (poucas) características dos “se” árabes (que têm correspondentes no hebraico e no aramaico, falado por Jesus), se bem que o que nos importa é mais a idéia abstrata de poder separar três “se” (pelo menos), enquanto nossa língua nos convida a confundi-los num único caso.

### “Law” árabe (semita), o “se” da impossibilidade

Comecemos pelo *law*, o “se” das construções de impossibilidade (ou quase impossibilidade; do meramente hipotético, enfático, desiderativo, utópico, etc.). É o “se” das – para usar o gramatiquês – “construções contrafactuais”, tão apreciado pela filosofia dos caminhoneiros, que estampam em seus pára-choques, sentenças como:

Se chifre fosse flor, minha cabeça seria jardim.  
Se casamento fosse estrada, eu andava no acostamento.  
Se pinga fosse fortificante o brasileiro seria um gigante.  
(Não buzine:) Se grito resolvesse, porco não morria.

E mesmo no Alcorão encontramos exemplo semelhante:

“Se o mar fosse tinta para registrar as palavras de meu Senhor, em verdade o mar exaurir-se-ia antes de se exaurirem as palavras de meu Senhor... (18, 109)”<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> *Um por todos (poesia reunida)*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 97

<sup>5</sup> *Tradução do sentido do nobre Alcorão para a língua portuguesa*, realizada por Helmi Nasr; com a colaboração da Liga Islâmica Mundial. Al-Madinah: Complexo do Rei Fahd, 2005.

Se tivéssemos um equivalente português (e o “se” do começo desta frase já é o “se” *law*, pois não temos esse “se” em nossa língua), atenuar-se-iam situações muito embaraçosas, como a do vendedor da loja de roupas tamanho grande, que quer convencer o/a cliente a comprar uma calça com cintura elástica, pois se ele/a engordar, a calça se ajustará... Como dizer: “- É melhor comprar esta, pois se o senhor engordar...”, sem correr o risco de perder o cliente? (ou como dizer ao vovô muito idoso que está mais do que na hora de fazer o testamento? ou avisar o marido traído? ou a mãe do gay...? etc. )

Para casos como esses - na falta de um *law* que ajudaria a enfrentar os casos - a criatividade brasileira recorre a círculos e enrolações como: “É melhor o senhor levar esta calça porque... isto **não** vai acontecer, mas *vai que* o senhor, temporariamente, engorde um pouquinho, ela se ajusta até o senhor voltar a emagrecer...”. Para o caso da admissão da idéia da morte, ficou famosa a frase atribuída ao Dr. Roberto Marinho (os funcionários mais antigos da Globo referiam-se a ele como “Deus”): “Se um dia eu vier a faltar...”.

Um uso interessante de *law* é com *wa* (e) na expressão *wa law*, que significa: mesmo se (se de impossibilidade). Ao lado do Alcorão, a tradição muçulmana recolhe os *hadith*, os ditos do Profeta Muhammad. Um famoso *hadith* diz:

“Buscai o conhecimento mesmo se ele estiver na China”  
(’*Utlub al ‘ilma wa law fis-Sin*) o que, traduzindo para as distâncias de hoje, soaria quase como: “Buscai o conhecimento mesmo que ele esteja em Marte”.

E nos provérbios árabes<sup>6</sup>, encontramos:

*Khara* (excremento) é *khara* mesmo que atravesse o Eufrates (al-fara).O excremento não se purifica mesmo *se* atravessar o Eufrates (Feghali # 392). Rimado no original: *Al-khara khara wa law qata’ nahr al-Fara*  
Dê sua massa para o padeiro assar, mesmo *se* (*wa law*) ele roubar metade (Freyha # 243). O sentido é: em qualquer caso, melhor do que a improvisação amadora é confiar o serviço a um profissional.  
A dívida é um peso bravo, mesmo que (*wa law*) seja de um centavo (Jasim # 292)  
O cão é cão, mesmo que revestido de ouro (Jasim # 767)

Outros provérbios com variações no uso de *law*:

Nem que apareça o Mahdi (Jasim , p. 67. *Law yazhar Al-Mahdi*, no sentido de “em nenhum caso, “nem que a vaca tussa”. Os xiitas acreditam que Muhammad al-

---

<sup>6</sup>. O sinal # indica o número do provérbio extraído das coletâneas: de Freyha, Anis *A Dictionary of Modern Lebanese Proverbs*, Beirut, Librairie du Liban, 1974, Feghali, Michel *Proverbes et Dictons Syro-Libanais*, Paris, Institut d’Ethnologie, 1938 e Jasim Reyadh Mahdi *El refranero iraquí – aspectos semánticos y socioculturales*, tese doutoral na Universidad de Granada, Granada, 2006.

Mahdi - o décimo segundo *imam*, falecido em 874 - encontra-se oculto e que regressará no fim do mundo). *Se* a vinha estivesse protegida de seus próprios guardas, produziria toneladas (Feghali # 2124).

E no Alcorão encontramos 80 vezes o *law*, como por exemplo, quando os condenados, que chegam ao fogo eterno, dizem: “Ah, *se* pudéssemos voltar, não teríamos seguido os ímpios” (2, 167). Ou *se* tivessem tudo o que há na terra e mais outro tanto, para, com isso, se resgatarem do castigo do Dia da Ressurreição, nada disso lhes seria aceito... (5, 36). Ou quando os incrédulos dizem: “És louco, Muhammad..., *se* é verdade o que dizes, faze descer os anjos...” (15, 7).

Também certamente foi no *law* de sua língua materna que o Apóstolo Paulo pensou seu famoso hino ao amor: “Se eu falasse as línguas dos homens e as dos anjos, mas não tivesse amor...” (I Cor 13, 1).

E se alguém estiver sem pecado, que atire a primeira pedra...

### O “se”-*idha*

Para o “se”-*idha*, começemos com uma observação do criterioso estudo de Kadi, *Hatta Idha in the Qur'an...*<sup>7</sup>. Em seu uso como “se”, Kadi observa que a unanimidade dos gramáticos consideram *idha* como palavra que *contém* um sentido condicional, mas que *não* é uma partícula de condição, em sentido próprio (ao contrário de *in* ou outras). Assim se eu digo:

*In ta'tini* (jussivo) *atika* (jussivo)  
Se você vier me visitar, eu te visitarei  
(é bem possível que você não venha me visitar e,  
nesse caso, também eu não te visitarei)

Mas com *idha*, o “se” é um *se/quando*, que expressa uma certeza:

*Idha ataytani* (indicativo) *atika* (indicativo)  
Se (=quando) você me visitar, eu te visitarei  
(É certo que você virá me visitar e, então, eu também  
te visitarei)

O fato em si é certo; é só questão de saber quando ocorrerá. Ou para usar o exemplo de Sibawayh, o patriarca da gramática no fim do século VIII, diz-se com *idha*:

*Atika idha ihmarra al-busr*  
Eu te visitarei quando as tâmaras, agora verdes,  
amadurecerem.

---

<sup>7</sup>. Kadi, Samar Afif *Hatta Idha in the Qur'an: a linguistic study*, tese de doutoramento, Columbia University, 1994.

Mas não se pode dizer com *in* (ou outros “se” condicionais):

*Atika in ihmarra al-busru*

Eu te visitarei se as tâmaras, agora verdes, amadurecerem.

(Não cabe um condicional, porque é certo que vão amadurecer<sup>8</sup>.)

Dichy, em conferência de 2007, sobre o condicional árabe, explica que *idha* refere-se a processo realizável, que deve ser realizado e situado em momento incerto no futuro. Emprega-se *idha* para casos como o da repetição do hábito ou o enunciado (“Se...”) de uma lei científica:

“Se ele vier (sempre que veio) a Mosul, ele nos visitará” (hábito)

*Kana, idha 'ata l-mawsila yazuruna*

Ou, no exemplo de al-Gazali:

Se todo A é B (alif, ba), então algum B é A<sup>9</sup>.

Como o “se”-*idha* funciona como um “se” de certeza, é freqüentemente traduzido por “quando”, no sentido de “sempre que”. Por exemplo, na tradução do Alcorão do Prof. Nasr encontramos para *idha*: “Àqueles que, *quando* uma desgraça os alcança dizem: ‘Somos de Allah...’” (2, 156); “É-vos prescrito, *quando* a morte se apresentar a um de vós, fazer testamento...” (2, 180); “...atendo a súplica do suplicante, *quando* me suplica...” (2, 186); “...(Allah) *quando* decreta algo, apenas diz-lhe: ‘Sê’, então, é” (3, 47); “E que *quando* cometem obscenidade (...) lembram-se de Allah e imploram perdão...” (4, 135).

Na famosa sentença evangélica, concorrem *idha* e *in*: “Se (*idha*) teu irmão pecar contra ti, vai e repreende-o a sós, se (*in*) ele te escutar...” Mt (18,15). É certo que algum irmão pecará contra mim; é duvidoso que ele aceite a repreensão...

## O Evangelho revisitado

Nem é necessário dizer que o brevíssimo resumo feito até aqui está longe de qualquer outra pretensão que a de meramente sugerir um exercício de leitura do Evangelho, tendo em conta diversas possibilidades de “se”, simplificadamente: o da possibilidade, o da certeza e o da impossibilidade.

Nesse sentido, é um fato interessante que distintas edições árabes do Evangelho nem sempre coincidem em utilizar o mesmo “se” (*law*, *idha* ou os da

<sup>8</sup>. Cf. tb: Giolfò, Manuela E. B. “Le Strutture condizionali dell’arabo classico” *Kervan*, Univ. di Torino, No. 2, luglio 2005, p. 58.

<sup>9</sup>. Dichy, Joseph *Si, comme si, même si, Ah! Si et si non: conditionnelles et référentiels discursifs en arabe*, <http://www.concours-arabe.paris4.sorbonne.fr/cours/Dichy-26-03-2007.pdf>, 2.2 b e c, acesso em 5-01-08

família do *in*) e, em qualquer caso, é interessante atentarmos para o caso que Jesus teria empregado em cada situação.

Consideremos algumas passagens do Evangelho, em que figura o “se” em nossas Bíblias (e que são efetivamente postas como “se” na *Bíblia de Jerusalém*<sup>10</sup>) e vejamos como as traduziríamos, *se* quisermos recuperar o original aramaico, realmente proferido por Jesus e pelos personagens evangélicos. Naturalmente, trata-se de um exercício de ficção exegética: não dispomos de transcrição literal, de fita gravada, dos discursos recolhidos pelos evangelistas.

Começemos pelos mais óbvios:

**1. O “se” de possibilidade real** – é o mais freqüente e o primeiro em que pensamos. Baste um exemplo: em Mt (28,14), quando os sumos sacerdotes e os anciãos subornam os guardas do sepulcro de Cristo, para que digam que os discípulos roubaram Seu corpo: “Se a coisa chegar aos ouvidos do procurador, nós o convenceremos e evitaremos complicações para vocês”.

**2. O “se” de certeza.** Em diversas formulações, parece claro que Jesus (ou outros falantes) usam o “se” de certeza (em árabe: *idha*):

Quem de vós, tendo uma ovelha, se ela cai em um buraco num sábado não a tira? (Mt 12,11).

Se o homem encontra a ovelha perdida tem alegria por ela... (Mt 18, 13)

Se algum lugar não vos recebe, ide embora. (Mc 6, 11)

Se morre o irmão de alguém... que seu irmão tome a mulher... (Mc 12, 19)

Se um cego guiar outro cego, ambos cairão no abismo (Mt 15, 14)

Em todos esses casos, o “se” pode ser substituído por “quando”: certamente, ovelhas que caem são retiradas; ovelhas encontradas produzem alegria; sempre haverá lugares que não receberão os apóstolos; infalivelmente irmãos morrerão; e é certo que cego mal guiado cai.

**3. O “se”-law.** Há também passagens nas quais, claramente, trata-se do “se”-*law*:

Se o dono da casa soubesse a que hora da noite virá o ladrão... (Mt 24, 43)

Virão falsos cristos capazes de enganar, se fosse possível, os próprios eleitos (Mt 24, 24)

Um outro episódio. Em Lc 7, 35 e ss., um fariseu roga a Jesus que vá comer em sua casa. Durante a refeição irrompe na sala uma mulher, “pecadora pública”, com um vaso de perfume e, chorando, põe-se aos pés de Jesus, lava-lhe os pés, unge-os com o perfume e seca-os com seus cabelos etc. O fariseu, escandalizado, dizia em seu interior: “Se este homem fosse profeta, saberia que esta mulher é pecadora...”. Claro que se trata aqui do *law*, o fariseu acaba de se convencer de que Jesus é uma fraude e o que ele pensa é “Este homem não é profeta...”

---

<sup>10</sup>. Bíblia de Jerusalém em hipertexto: *Debora-Microbible*, CIB (Maredsous, 1990) programa FindIT, Marpex, Ontario, 1992

**4. De que “se” estamos falando?** Nem sempre é totalmente claro qual “se” terá sido o da cena evangélica e, às vezes, pode ser um exercício interessante tentar mudar de “se”:

**a) O “se” do tentador.** Antes de iniciar sua vida pública, Jesus vai ao deserto e é tentado pelo diabo (Mt 4,3 e ss.; Lc 4, 3 e ss.). Este Lhe diz: “Se és o Filho de Deus, diz a estas pedras que se convertam em pão”. Estamos habituados a ler este “se” como dubitativo (“será que Ele é?”), mas poderíamos pensar também em *idha*: “Já que és o Filho de Deus, diz a estas pedras...”

**b) o “se” dos zombadores.** Cristo na cruz ouve várias provocações: “Se és o Filho de Deus desce da Cruz” (Mt 27, 40); “Que Deus o salve agora, se é que o ama...” (Mt 27, 43); “Vamos ver se Elias vem para salvá-lo” (Mt 27, 49). Certamente, os zombadores não acham que Jesus seja filho de Deus ou que Elias virá para salvá-lo: cabe perfeitamente o *law* de impossibilidade.

**c) o “se” do pai aflito.** Mc 9, 14 e ss. Jesus desce do monte da transfiguração, com Pedro, Tiago e João, e encontra uma confusão de muita gente discutindo com os outros apóstolos. E é que um homem tinha trazido seu filho, que tinha um espírito mudo (que o lançava ao chão, ao fogo e à água e o fazia espumar, ranger os dentes etc.) e os apóstolos, apesar de tentarem, não tinham conseguido expulsá-lo. O pai diz a Jesus: “Tu, se podes algo, ajuda-nos!”. Terá sido o “se” da possibilidade ou o *law* de quem já está desiludido? Jesus responde: “Como, se podes!?!...” E o pai: “Creio, mas ajuda minha pouca fé!”.

**d) o “se” do horto** – “Pai, se este cálice pode passar sem que eu o beba...” (Mt 26, 42)

## O Samaritano e Zaqueu

### O “se” da parábola do bom samaritano (Lc 10, 30-37)

<sup>29</sup>Mas ele, querendo justificar a pergunta feita, disse a Jesus: «E quem é o meu próximo?» <sup>30</sup>Tomando a palavra, Jesus respondeu: «Certo homem descia de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores que, depois de o despojarem e encherem de pancadas, o abandonaram, deixando-o meio morto. <sup>31</sup>Por coincidência, descia por aquele caminho um sacerdote que, ao vê-lo, passou ao largo. <sup>32</sup>Do mesmo modo, também um levita passou por aquele lugar e, ao vê-lo, passou adiante. <sup>33</sup>Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão. <sup>34</sup>Aproximou-se, ligou-lhe as feridas,

deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. <sup>35</sup>No dia seguinte, tirando dois denários, deu-os ao estalajadeiro, dizendo: ‘Trata bem dele e, se gastares mais, pagar-to-ei quando voltar.’ <sup>36</sup>Qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?’ <sup>37</sup>Respondeu: «O que usou de misericórdia para com ele.» Jesus retorquiu: «Vai e faz tu também o mesmo.»

“Qual dos três parece ter sido o próximo...?” Quem são esses três? Essa parábola parece, à primeira vista, hoje<sup>11</sup>, mal interpretada, a começar pela consideração do trio “Sacerdote-Levita-Samaritano” (o sacerdote e o levita nem têm condições de se candidatar seriamente a “próximo”).

Na leitura usual, o estalajadeiro – um heróico e grandioso personagem – não é sequer considerado. O empenho e o sacrifício do estalajadeiro começam a se evidenciar quando consideramos que o que ele recebeu – dois denários – nem de longe cobre as suas despesas. O “se” do samaritano (“se gastares mais”) é o “se”-*idha*: “com certeza gastarás muito mais...”. Pois um denário era muito pouco: o pagamento de uma jornada de trabalho de peão, o que o dono da vinha, na parábola dos trabalhadores (Mt 20, 1 e ss.) paga a seus jornaleiros: se quisermos arriscar uma equivalência atual, alguma coisa entre cinco e dez dólares... O samaritano gasta 15 dólares para pagar duas diárias na estalagem mais a hospedagem e cuidados (por muitos dias, o homem estava semimorto...) especiais para aquele homem.

Além do mais, um estalajadeiro é vítima fácil de calotes (um hóspede pode sair sem pagar...), contra os quais não tinha defesa, exceto a de cobrar adiantado e nunca aceitar fiado (qual hotel aceitaria essa conversa de: “na volta eu pago?”). Mais do que o samaritano, quem usou de misericórdia foi o bom estalajadeiro. A pergunta de Cristo: “Qual destes três...?”, da qual implicitamente (e sem razão) tende-se a excluir o estalajadeiro, pode muito bem incluí-lo.

E quem seria o terceiro entre os três candidatos a próximo daquele pobre homem? Há na narrativa de Cristo um elemento intrigante: por que os assaltantes deixaram a vítima com vida? O lógico em um assalto como o da parábola seria que os salteadores matassem a vítima para afastar de vez a possibilidade de futuro reconhecimento, vingança etc. A única explicação possível para o terem deixado com vida (e talvez seja isto que Jesus queira sutilmente sugerir) é que - semelhantemente ao que aconteceu na história de José do Egito e outros casos conhecidos – um dos assaltantes, movido pela misericórdia, tenha intercedido pela vida daquele homem. Nesse caso, o grande herói da parábola passaria a ser esse “bom assaltante”, que se indispõe com os colegas, além de correr os maiores riscos: o samaritano sacrifica um pouco de tempo e dinheiro; o estalajadeiro sacrifica muito mais tempo e dinheiro (ao menos em termos de risco); o “bom Assaltante”, por usar de misericórdia, arrisca a segurança e a vida, expondo-se (e a todo o bando) a um futuro acerto de contas com a vítima... Conjecturas sobre o enredo de uma parábola, sim, mas, em todo caso, o trio Samaritano-Estalajadeiro-“Bom Assaltante” parece mais plausível do que o do senso comum, que, incrivelmente, inclui o sacerdote e o levita...

### **O “se” de Zaqueu (Lc 19 1,10)**

<sup>11</sup>. Seja como for, na interpretação de muitos Padres, Cristo é o samaritano (Agostinho En. In Ps. 124, 15; Cesário de Arles, *Sermones* 161, 2; Isidoro, *Allegoriae quaedam...* Ex NT 205 etc.); e o estalajadeiro é o Apóstolo Paulo (Agostinho, *ibidem*; Cesário, *ibidem*); ou os bispos (Arnóbio) etc.

<sup>1</sup>E, tendo entrado em Jericó, ele atravessava a cidade.  
<sup>2</sup>Havia lá um homem chamado Zaqueu, que era rico e chefe dos publicanos. <sup>3</sup>Ele procurava ver quem era Jesus, mas não o conseguia por causa da multidão, pois era de baixa estatura. <sup>4</sup>Correu então à frente e subiu num sicômoro para ver Jesus que iria passar por ali. <sup>5</sup>Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: ‘Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa’. <sup>6</sup>Ele desceu imediatamente e recebeu-o com alegria. <sup>7</sup>À vista do acontecido, todos murmuravam, dizendo: ‘Foi hospedar-se na casa de um pecador!’ <sup>8</sup>Zaqueu, de pé, disse ao Senhor: ‘Senhor, eis que eu dou a metade de meus bens aos pobres, e se defraudei a alguém, restituo-lhe o quádruplo’. <sup>9</sup>Jesus lhe disse: ‘Hoje a salvação entrou nesta casa, porque ele também é um filho de Abraão.’  
<sup>10</sup>Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido.

Se o estalajadeiro é omitido, Zaqueu é injustiçado, nem lhe é dado o benefício da dúvida: seu: “Se defraudei a alguém...” é entendido como “se” de certeza: “Se defraudei a alguém (o que, é claro, aconteceu muitas vezes...)”. E, sendo Zaqueu rico e chefe de publicanos – judeus encarregados pelos romanos da odiosa tarefa de coletar impostos e taxas..., na realização da qual, não raramente, extorquiam para si mesmos – ele é suspeito mais do que natural de corrupção e, quando Jesus vai à sua casa, começa a murmuração: “Ele está na casa de um pecador!”.

Mas, vejamos se, afinal de contas, Zaqueu era corrupto: suponhamos, só para efeito de cálculo, que seu patrimônio fosse de 600.000: ele, dando metade para os pobres, fica com 300.000 e, mesmo que tivesse se apropriado indevidamente de algo de alguém, esse “esquema” não lhe teria rendido mais do que 75000 (para restituir o quádruplo - ficando a zero!). Ou seja: na pior das hipóteses, Zaqueu dispunha de 525.000 ganhos honestamente e só 1/8 de seu patrimônio poderia ter sido obtido por meios escusos...

Certamente, os intérpretes costumam apontar Lc 19, 8 como um condicional de 1ª. classe, que expressa uma certeza, e, nessa clave, Zaqueu deveria ser lido assim: “Se defraudei a alguém, e isto realmente aconteceu...”. Mas, um exegeta como James L. Boyer, analisando esse e todos os versículos do condicional de 1ª. classe do Novo Testamento, conclui:

Uma sentença condicional de 1ª. classe no Novo Testamento significa o mesmo que a simples condição na língua inglesa: “se isso... então aquilo”. Ela não implica absolutamente nada em relação à realidade.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup>. Boyer, James L. “First class conditions: what do they mean?” *Grace Theological Journal*, Grace Theological Seminary, Winona Lake, USA, Vol 2. 1 (1981), p. 82.

Ou seja, o “se” de Zaqueu pode significar: “Se defraudei a alguém, o que nunca aconteceu...”, como um desafio público a seus detratores. E Jesus faz questão de entrar em sua casa para lavar a honra, injustamente manchada (?), desse homem.

Conjecturas, meras sugestões de leitura que, se não puderem ser comprovadas, pelo menos chamam nossa atenção para a distinção semita, em um caso no qual nós somos convidados a confundir.